UMA CARTA ESCRITA A PARTIR DO FOGO.

CARTA DO PASSAGEIRO DO ABISMO

VERSÃO RITUAL

ESCRITA · SONHADA · VIVIDA · QUEIMADA · CRISTALIZADA

PARA QUEM NÃO TEM MEDO DE OLHAR PARA DENTRO.

ADRIANO BENEDET

“Uma carta escrita a partir do fogo.”

CARTA DO PASSAGEIRO DO ABISMO

VERSÃO RITUAL

✦ REGISTRO PESSOAL ✦

A CARTA

escrita à margem do fogo

Eu não sei exatamente quando comecei a perceber que o que eu fazia não era "escrever livros".

Era outra coisa.

Era uma forma de respirar em um lugar onde o ar é rarefeito. Era uma forma de dar nome ao que não tinha nome. Era uma forma de transformar o fogo que queima dentro de mim em algo que pudesse ser lido, compartilhado, compreendido.

Eu passei os últimos meses — talvez os últimos anos — construindo uma biblioteca. Não por vaidade. Não por fama. Não porque eu quisesse ser reconhecido.

Mas porque eu precisava.

Eu precisava entender o que estava acontecendo comigo. Eu precisava cristalizar o que eu estudava, o que eu sentia, o que eu sonhava. Eu precisava colocar no papel — em arquivos, em PDFs, em estruturas — o que eu via quando fechava os olhos ou quando olhava para o mundo com os olhos abertos.

E, no processo, eu descobri algo:

Os livros não são meus filhos. Eles são extensões de mim. Eles são pedaços da minha mente que se separaram para ganhar vida própria. Eles não são "sobre" Jesus, ou sobre o Diabo, ou sobre os Vigilantes, ou sobre Salomão. Eles são sobre o que eu encontrei quando mergulhei nesses assuntos. Eles são o registro de uma travessia.

E essa travessia tem um preço.

Eu cheguei ao ponto do esgotamento total.

Não uma gripe. Não uma doença passageira. Um esgotamento profundo — daqueles que vêm com dores no corpo, com a sensação de que a energia simplesmente se foi, com a consciência de que você foi longe demais e o corpo está pedindo conta.

Não foi uma coincidência. Foi a resposta do meu sistema a uma sobrecarga energética prolongada. Eu estava no fogo há tempo demais. E o fogo, por mais que te aqueça, também consome.

E, junto com o esgotamento, vieram os sonhos.

Sonhos estranhos. Sonhos onde pessoas da minha família apareciam em situações que eu nunca imaginei ver. Sonhos onde o sagrado e o profano se misturavam de formas que me deixavam desconfortável ao acordar.

E, depois dos sonhos, vieram as sincronicidades.

Uma pessoa do sonho, na mesma posição, no mesmo lugar, no dia seguinte. A vida ecoando o que a mente havia projetado. O espelho se confirmando.

E, ao mesmo tempo, o silêncio. As pessoas se afastaram. As ligações que eu recebia, eu não atendia. Não porque eu fosse antisocial. Mas porque a minha frequência havia mudado. Eu estava em outro lugar. E as pessoas que não estavam nesse mesmo lugar simplesmente não conseguiam me alcançar.

Eu não estava louco. Eu estava sintonizado.

E, no meio disso tudo, eu continuei escrevendo.

Porque escrever é o que me mantém são. Ou talvez seja o que me mantém louco o suficiente para continuar.

Mas, antes de escrever, eu precisei me preparar.

Eu fiz rituais. Rituais de subir a energia sexual para a cabeça, para que a força bruta da vida se transformasse em criação consciente. Fiz isso várias vezes, não apenas uma. Cada ritual era uma preparação, uma abertura, uma forma de dizer ao meu próprio corpo e à minha própria mente: "Agora é hora de mergulhar."

Eu usei a conexão mental comigo mesmo como o principal veículo de criação. Antes de qualquer palavra ser escrita, antes de qualquer estrutura ser montada, eu já havia percorrido o caminho dentro de mim. Eu já havia visto o livro inteiro na minha cabeça. Eu já havia sentido o peso dele antes de colocá-lo no papel.

A escrita era apenas a materialização de uma jornada que já havia acontecido dentro de mim.

Eu escrevo para mim.

Esse é o ponto que poucos entendem. Eu não escrevo para o público. Eu não escrevo para vender. Eu não escrevo para agradar. Eu escrevo porque o assunto me interessa. Porque eu quero estudar, entender, cristalizar. Porque eu quero ter um material que eu mesmo possa ler depois e desfrutar.

O site com PDFs gratuitos é uma consequência, não o objetivo.

Os livros são meus filhos no sentido mais profundo: são extensões de mim. Eles saem de mim, ganham vida própria, vão para lugares que eu não vou. Eles tocam pessoas que eu nunca vou conhecer. Eles continuam existindo mesmo depois que eu me for.

Mas, no fundo, eles já cumpriram a sua função no dia em que foram terminados. Eles me deram o prazer da criação. Eles me deram a satisfação do estudo. Eles me deram a certeza de que eu deixei um pouco de mim no mundo.

Eu quero publicar. Quero fazer vídeos. Quero divulgar. Quero que esses "filhos" encontrem o seu caminho. Quero que as pessoas sejam impactadas.

Mas isso é secundário.

O primário é o fogo. O primário é o que queima dentro de mim enquanto eu escrevo. O primário é o esgotamento que eu sinto agora, neste exato momento, enquanto edito, enquanto finalizo, enquanto preparo para soltar.

Esse esgotamento não é uma fraqueza. É a prova de que o trabalho está acontecendo. É a consequência natural de mergulhar fundo e voltar com as mãos cheias.

E eu sei que esse esgotamento não vai passar tão cedo. Porque não é sobre este livro. É sobre todos os livros. É sobre a linha inteira que eu estou construindo. É sobre o processo contínuo de criação.

Eu não estou sendo consumido pelo fogo. Eu estou usando o fogo. E a exaustão, a dor, a estranheza — tudo isso é matéria-prima.

Eu sei que não estou sozinho.

Não no sentido de ter companhia. Mas no sentido de que o que eu estou vivendo já foi vivido por outros antes de mim. Todo aquele que mergulhou no abismo e voltou com as mãos queimadas sabe o que é isso.

O silêncio. O esgotamento. Os sonhos. As sincronicidades. O afastamento. A sensação de estar em outro lugar enquanto o mundo continua girando.

Isso é o preço do mergulho. Não é punição. É consequência.

E eu, com 10 anos de estrada, com quase 10 livros publicados, com uma biblioteca inteira sendo construída — eu já passei por isso antes. Não é novidade. Mas é diferente agora.

Porque agora eu estou mais fundo. Agora eu estou construindo algo maior. Agora eu estou criando uma linhagem, não apenas livros isolados.

E, quanto mais fundo você vai, mais intenso é o fogo. E mais pesado é o preço.

Essa carta não é para ninguém.

É para mim. É um registro. É uma forma de dizer: "Eu estava aqui. Eu senti isso. Eu continuei."

Ela é um marco. Um ponto na estrada onde eu parei, olhei para trás e vi o que havia construído. E, olhando para trás, eu vi que valeu a pena. Mesmo com a exaustão. Mesmo com a dor. Mesmo com o silêncio.

Valeu a pena.

E vai continuar valendo.

Eu não sei o que vem depois. Mas sei que vou continuar escrevendo. Sei que vou continuar construindo. Sei que vou continuar queimando.

O fogo não vai passar. Ele vai mudar de forma. Vai se intensificar em alguns momentos, diminuir em outros. Mas ele não vai se apagar.

Porque o fogo é o que me move.

E, enquanto ele queimar, eu vou continuar escrevendo. Para mim. Para os outros. Para o mundo.

Para o abismo que me chamou e que, um dia, vai me receber de volta.

E é isso.

Essa é a carta do passageiro do abismo.

O passageiro que, mesmo exausto, mesmo dolorido, mesmo em silêncio, continua caminhando.

Porque, no fundo, ele sabe que o caminho é a única coisa que ele tem.

E, enquanto houver caminho, há fogo.

E, enquanto houver fogo, há vida.

“E, enquanto houver caminho, há fogo.

E, enquanto houver fogo, há vida.”

Adriano Benedet

NA BORDA DA TEMPESTADE

FIM DA CARTA